

Sócrates e o Espiritualismo

© 2016 Carlos Loeffler

Sócrates e o Espiritualismo

Carlos Loeffler

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 — Vila Teixeira
Marques
CEP 13485-150 — Limeira-SP
Fone: 19 3451-5440
www.edconhecimento.com.br
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos
autorais, é proibida a reprodução total ou parcial,
de qualquer forma ou por qualquer meio —
eletrônico ou mecânico, inclusive por processos
xerográficos, de fotocópia e de gravação —, sem
permissão, por escrito, do editor.

Capa e projeto gráfico: Sérgio F. Carvalho

ISBN 978-85-7618-360-0
1ª EDIÇÃO — 2016

• Impresso no Brasil • Presita en Brazilo

Produzido no departamento gráfico da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 — CEP 13485-150
Fone/Fax: 19 3451-5440 — Limeira — SP
conhecimento@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8/7057)

Loeffler, Carlos
Sócrates e o Espiritualismo / Carlos Loeffler — Limei-
ra, SP : Editora do Conhecimento, 2016.
582 p.

Bibliografia
ISBN 978-85-7618-360-0

1. Filosofia 2. História 3. Doutrina espírita I. Título.

16-0012 CDD — 133.9

Índices para catálogos sistemático:

1. Espiritismo

Carlos Loeffler

Socrates e o Espiritualismo

1ª edição
2016



À minha esposa, Vanessa Loeffler, alma doce e carinhosa, pelo amor, pela inspiração incessante e certeza de contar com seu apoio incondicional.

À minha mãe, Manoelina Pena Loeffler, pela educação privilegiada que recebi e por ser uma referência ímpar em muitos aspectos, sobretudo como exemplo de extrema dedicação, força de vontade e fé.

Ao professor, Celso Martins, que com enorme boa vontade fez uma leitura prévia e apresentou sugestões importantes ao texto. Lembro-me perfeitamente de sua boa vontade em percorrer, há muitos anos atrás, sem condução própria, os vários cantos da sofrida baixada fluminense e proferir palestras carregadas de propriedade e esperança.

Ao meu professor de espiritualismo, Aylton da Silveira, recentemente desencarnado, pela nobre oportunidade do convívio, dos ensinamentos e discussões sobre espiritualidade e transcendência, particularmente aquelas realizadas na atmosfera singular das noites de terça-feira, no Grupo Espírita Trabalhadores Humildes, em Duque de Caxias. Muitos e muitos anos já se passaram, mas as recordações permanecem vívidas, perenes e importantes.

À **EDITORA DO CONHECIMENTO**, particularmente na pessoa do seu editor responsável, Sérgio Carvalho, pela presteza e confiança depositadas neste trabalho.

Sumário

Introdução.....	9
1. Sócrates e o espiritismo	25
2. O teísmo socrático	78
3. Sócrates e a sobrevivência após a morte.....	163
4. Sócrates e os fenômenos psíquicos	268
5. A moral e a sabedoria de Sócrates	328
6. Aspectos complementares da vida de Sócrates	505
Conclusão.....	567
Bibliografia	575

Introdução

Não nos parece possível que se delibere sobre aquilo que não se conhece.

(PLATÃO, *Sísifo*, 389e)

Qualquer interessado na História da civilização, percorrendo-a ao longo da sua sinuosa trajetória, há de se deparar com personalidades que se destacaram em meio à incontável multidão de indivíduos que vêm habitando o planeta, desde os seus primórdios. Mais do que simples referências no percurso, tais criaturas atuaram como verdadeiros guias, pois sua participação foi decisiva na definição dos rumos que a humanidade veio a tomar. Existem vários desses líderes, de características muito diversificadas. Cada um deles ressalta pela contribuição em diferentes aspectos da atividade humana, sabidamente classificada pelos estudiosos de acordo com as diversas áreas do conhecimento e atividade humana, tais como as ciências, as artes, a filosofia, o governo etc.

É verdade que hoje muitos pesquisadores procuram mostrar que os fenômenos históricos não se processaram pela atuação isolada de certos indivíduos, mas sim por força da ação de grupos predispostos a realizá-los por alguma razão ou interesse. Estes teriam, de fato, a responsabilidade pela propagação ou rejeição de ideias, na instalação de novas ordens sociais e econômicas, na organização de revoluções culturais, e mesmo na subversão de regimes políticos. Não fosse assim, qualquer fenômeno ideológico não encontraria eco e seria meramente uma ação temporal e espacialmente localizada, sem impacto futuro,

ausente de repercussão histórica. Essa receptividade coletiva às novas propostas, na realidade, nada mais é do que a formalização daquele antigo conhecimento exposto pela parábola evangélica do semeador, quando caracteriza a plantação em campo fértil. Sem dúvida, é preciso cultivar em terreno certo, na época propícia. No entanto, também é indiscutível a existência de bons lavradores: aquelas personalidades marcantes que foram decisivas na criação e no estímulo à transformação das consciências, atuando como provocadores dos acontecimentos históricos.

É preciso considerar que a intensidade, a duração e o quilate dos fenômenos socio-culturais causados por esses líderes foram muito variados. Um número bastante mais restrito consistiu daqueles renovadores cuja participação não forçou os rumos da História através da beligerância, da intriga, do interesse pessoal e da estreiteza de horizontes. Olhando as coisas sob o ângulo espiritual dessas contribuições, sabe-se que mesmo as guerras, as tragédias e as catástrofes não ferem o planejamento divino, pois os aparentes males servem ao propósito de reajuste e organização da sociedade. Assim sendo, nada de importante escapa ao plano diretor do Criador. Todavia, é preciso estabelecer alguns critérios numa análise em que se deseja distinguir, dentre os líderes, os que simplesmente tiveram personalidades fortes, audaciosas ou guerreiras, daqueles que foram verdadeiros gênios; e, dentre estes, os luminares ou grandes seres.

Naturalmente, de acordo com essa linha de raciocínio, num primeiro crivo, é preciso considerar aqueles que se destacaram não pela liderança motivada pelo poder e a glória, mas por ideais que contribuíram efetivamente para o bem comum, sem prejuízo de vidas inocentes ou à custa do sofrimento de outrem. Infelizmente, muito poucos dos mais conhecidos governantes e estadistas conseguiram ultrapassar esse crivo, pois quase sempre se deixaram obcecar pelo brilho da vaidade e da cobiça, quando não cometeram atos públicos cuja avaliação penderia efetivamente para o lado negativo.

Numa segunda instância, apesar do reconhecimento e importância de todos os campos de atividade humana, cujos acordos certamente ecoam indispensáveis na sinfonia harmo-

niosa da Criação em maior ou menor tom, interessa comentar especificamente sobre aqueles gênios que contribuíram para a elevação efetiva do senso moral da comunidade, no seu sentido mais puro. Não se considera aqui uma simples ética de hábitos e costumes, circunscrita e de validade limitada à ignorância de certas massas; mas um conjunto de ideias que resultem numa convivência harmoniosa e prolífica entre as pessoas, independentemente de raça, sexo e condição social. Propostas cujo alcance e consistência permitissem ultrapassar a barreira do tempo e do espaço, mesmo após períodos longos de hibernação e descrédito. Em síntese, passariam por esse segundo crivo as personalidades que obraram na difusão de doutrinas universais, que resultaram em condutas mais virtuosas por parte das pessoas, implicando em códigos de convivência humana mais igualitários, dignos e fraternos.

Curiosamente, os gênios que passaram por esse segundo crivo sempre estiveram ligados à Espiritualidade, de alguma forma. Sempre mantiveram um vínculo qualquer entre seus ensinamentos e o lado transcendental da vida, ao reconhecimento da existência de Deus ou forças espirituais superiores e suas leis. Ressalta-se que não há aí, de modo algum, uma recíproca, pois não basta ser um líder ideológico e estar ligado a uma doutrina religiosa para que os ecos de suas palavras e os frutos de suas ações se mostrem universais e consistentes com os interesses de todas as pessoas. É preciso observar a sinceridade de propósitos e a verdadeira inspiração divina. Esses quesitos, apesar de serem difíceis de avaliar prontamente, têm alguns caracteres básicos, dentre os quais a ausência de violência, ambição, sectarismo e preconceito, além da concordância entre palavras e atos. Esses fatores auxiliam a identificação dos verdadeiros mensageiros do alto, para os quais a ação do tempo não desgasta suas bases, e sim as consolida.

São muito poucas tais criaturas que atuaram sob a égide suprema do bem e plantaram a semente da elevação espiritual. Esses são os grandes seres ou espíritos superiores, de acordo com a classificação kardequiana. Encarnados em missão no planeta, não falham em sua tarefa, visto possuírem fartos dotes morais e intelectuais para realizá-la, apesar das dificuldades que

se reveste toda empreitada desta natureza. A existência dessas criaturas evoluídas é atestada pelas respostas a duas perguntas feitas por Kardec aos desencarnados, em *O Livro dos Espíritos*:

Pergunta 622: Deus deu a certos homens a missão de revelar sua lei?

Resposta: Sim, certamente; em todos os tempos, alguns homens receberam essa missão. São espíritos superiores encarnados com o objetivo de fazer a humanidade avançar.

Na pergunta 578, pertinente a um capítulo em que se estudam as missões dos espíritos, fica bem claro que os espíritos superiores não falham na realização de suas tarefas:

Pergunta 578: O espírito pode falhar na sua missão por sua culpa?

Resposta: Sim, se não for um espírito superior.

Assim, fica ratificado que à luz da doutrina espírita existem seres que encarnam com enorme preparação espiritual, de modo que sua missão é levada a cabo com precisão e sem possibilidades de falhas por conta de mazelas morais, tentações ou incapacidade intelectual. Os espíritos com tal envergadura já são ditos superiores. Curiosamente, existe em *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, uma classificação das diversas categorias de espíritos, denominada “Escala espírita”. Embora a escala tenha sido concebida para identificar o nível dos espíritos desencarnados que se comunicam frequentemente pela via mediúnica, pode ser estendida para classificar os espíritos em geral. Nela se encontra a qualificação dos espíritos superiores:

Esses em si reúnem a ciência, a sabedoria e a bondade. Da linguagem que empregam se exala sempre a benevolência; é uma linguagem invariavelmente digna, elevada e, muitas vezes, sublime. Sua superioridade os torna mais aptos do que os outros a nos darem noções exatas sobre as coisas do mundo incorpóreo, dentro dos limites do que é permitido ao homem saber. Comunicam-se complacentemen-

te com os que procuram de boa-fé a verdade e cuja alma já está bastante despreendida das ligações terrenas para compreendê-la. Afastam-se, porém, daqueles a quem só a curiosidade impele, ou que, por influência da matéria, fogem à prática do bem. Quando, por exceção, encarnam na Terra, é para cumprir missão de progresso e então nos oferecem o tipo da perfeição a que a humanidade pode aspirar neste mundo. (KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, pergunta 111)

Objetivos desta obra

Não é difícil demonstrar que Sócrates se encontra nesse seleto e reduzido grupo de espíritos luminares. Às vezes, passa-se ao público em geral a visão vulgar de ter sido Sócrates mais um antigo propagador de ideias difusas e ultrapassadas, típicas dos numerosos filósofos visionários que já surgiram no mundo. Isso não é verdade! Sócrates não foi uma figura histórica comum. É uma referência marcante na filosofia, na pedagogia, na psicologia e no espiritualismo. A falta de informação pode ocultar a verdade por algum tempo, mas não o faz para sempre. Graças à doutrina espírita, hoje há um cabedal privilegiado de conhecimentos que torna possível mais facilmente entender e admirar a extensão dos ensinamentos da doutrina socrática, bem como identificar afinidades inconfundíveis desta com o cristianismo e o próprio espiritismo.

Um dos principais objetivos deste livro é precisamente este: apresentar farta documentação na qual se ressalta a personalidade ímpar do sábio grego, seu gênio peculiar, um verdadeiro exemplo de conhecimento espiritual associado à prática do bem viver. Um modelo de missionário que não fugia do convívio direto com concidadãos de todas as classes e interesses, e que foi fiel às suas convicções éticas, não obstante a oposição resultante do choque de suas opiniões contra aquelas vigentes, especialmente nos meios políticos de sua época. Todavia, ainda mais importante que o conhecimento da sua figura humana singular, consiste no objetivo de apresentar e divulgar as ideias dele quando en-

carnado, que também não recebem o devido destaque, mesmo na comunidade espírita. Todos sabem da sua apologia ao conhecimento íntimo, mas a extensão dos ensinamentos socráticos, verdadeiro manancial de saber espiritual, passa quase ignorada. Sócrates consegue ser atual, mesmo passados dois mil e quatrocentos anos de sua morte, pois suas lições são eternas. Pode-se conjecturar que não há nada que o espiritismo já não tenha exposto de uma maneira mais didática e atual, como o fez com os ensinamentos de Jesus. No entanto, é questão de justiça mostrar o trabalho do luminar grego em sua verdadeira amplitude e grandeza, pois que é o criador ou precursor de algumas técnicas eficientes de ensino, como a dialética e a maiêutica, e de questionamento, como a ironia e a aporia. É também o responsável pela difusão do conceito de alma no mundo ocidental e ainda o apologista da valorização da virtude como diretriz básica na conduta humana. Com base nisso, não é difícil perceber que na construção do cristianismo muito se contou com o amparo dos fundamentos morais e também metafísicos estabelecidos a partir de Sócrates, particularmente por parte dos pais da Igreja, muitos dos quais enxergavam os conhecimentos gregos e os valores judaicos como elementos complementares e cuja combinação era positiva.

Não deixa de ser inquietante que os acadêmicos tradicionais queiram conhecê-lo melhor do que os espíritas, pois os primeiros enxergam apenas o sábio, o humanista, o crítico, o questionador, o pedagogo, o grande filósofo enfim. Entretanto, falta-lhes captar o principal: o senso da espiritualidade socrática.

Hoje em dia, pode-se verificar que muitos estudiosos católicos consolidam suas pesquisas registrando o sábio ateniense como criador da teologia, pois é o primeiro pensador a construir efetivamente uma ideia lógica a respeito de Deus. De fato, alguns séculos depois isto propiciaria um grande avanço no arcabouço filosófico do cristianismo, distinguindo-o das religiões mágicas e meramente animistas.

Além de tudo isso, Sócrates é um autêntico espiritualista, precursor da doutrina espírita, direta e indiretamente, assertiva essa demonstrada detalhadamente ao longo deste texto. Com relação aos propósitos, há plena coincidência entre os objetivos

do sábio ateniense e o espiritismo: apesar do primeiro impacto da mensagem socrática ter ecoado em meio acadêmico e ali ter se alojado, sobretudo graças às estratégias filosóficas narradas por Platão, a meta primordial do sábio grego foi contribuir para a evolução moral dos homens, tarefa essa também abraçada pelo espiritismo.

Um fato extremamente curioso, que se fará lugar comum ao longo das muitas narrativas socráticas, é que seu espiritualismo se mostra tão evidente e ao mesmo tempo tão puro e especial, que passa despercebido aos estudiosos menos atentos, tão acostumados a encontrar misticismo, fanatismo e mágica no seio dessa corrente de pensadores desligados do materialismo. Tal fenômeno somente não pode acontecer aos olhos dos espíritas, pois o mestre grego tem com o espiritismo laços bastante estreitos.

Daí um terceiro objetivo da presente obra. Sequer é fato notório entre os espiritistas que Sócrates trabalhou com Kardec na elaboração da codificação da doutrina espírita, apesar de seu nome constar nos prolegômenos da obra fundamental, *O Livro dos Espíritos*. Poucos profíctentes atentam para a composição da equipe espiritual que assistiu Kardec e, nesse contexto, o papel do desencarnado Sócrates passa ao largo. Infelizmente, esse objetivo de exaltar o trabalho de Sócrates na elaboração da doutrina espírita será cumprido de modo bem simplificado e superficial, embora perfeitamente suficiente. A discrição do sábio grego, característica muito própria de sua personalidade, não permitiu explicitar muitas das suas interferências junto ao mestre lionês, que certamente foram numerosas, ao ponto de ser possível especular que uma parte do trabalho de Kardec, especialmente os estudos primordiais no âmbito da mediunidade, tenha sido secundada por Sócrates. Esta questão será objeto de análise mais detalhada num item específico.

O problema das fontes e hipóteses de trabalho

As obras de Platão e Xenofonte formaram a base deste trabalho. Seus maiores discípulos deixaram um legado apreciável sobre o mestre. Evidentemente, o longo tempo que separa essas obras da época presente fez surgir até mesmo algumas versões para uma mesma obra. Ainda existe o problema do idioma; e para superar parcialmente esse obstáculo, sempre que possível foram consultadas diversas traduções disponíveis de uma mesma obra, embora isso tenha ocorrido apenas para os livros mais conhecidos, como *A República*, por exemplo. As obras ditas pseudoplatônicas não foram evitadas, pois que o aspecto histórico e o impacto cultural que nelas existem são importantes ingredientes na construção da figura socrática. No entanto, foram relativamente pouco citadas por conta do conteúdo menos original.

Também foram consultadas diversas biografias e romances escritos sobre Sócrates. Naturalmente, autores como Diógenes Laércio e Plutarco, entre outros menores, não poderiam deixar de ser citados. O conteúdo das obras feitas por esses escritores, bem posteriores ao mestre grego, que assim apenas dele ouviram falar ou leram obras perdidas, pode ser questionável sob um rigoroso prisma científico, mas esse rigor é aqui dispensado. Uma personalidade marcante, intrigante e complexa como Sócrates, precisa ser examinada por lentes mais flexíveis, carregadas de humanidade e, em certos momentos, descrita com uma perspectiva mais romântica e lendária do que histórica. Também as estórias e fábulas são acessórios indispensáveis na construção desse formidável mestre de origem ateniense. A maior parte delas se encaixa nele como uma luva, por mais anedóticas que pareçam.

Igualmente importante, sem dúvida, é destacar que foram usados diversos pressupostos na organização do livro, todos de cunho espírita. Os postulados do espiritismo nortearam o desenvolvimento dos capítulos desta obra e os comentários sobre as numerosas citações apresentadas. Mas destaca-se que não houve qualquer dificuldade nesse sentido, pois os postulados espíritas povoam as obras socráticas consultadas, tal como as estrelas povoam o firmamento. No fundo, foi feito apenas um

trabalho de organização. Outra grande contribuição das luzes da doutrina espírita consiste em permitir enxergar mais claramente a verdadeira dimensão de Sócrates, e assim compreender as aparentes contradições e desvios do seu pensamento. Aliás, sobre o sábio grego não há consenso completo; longe disso, às vezes aparecem divergências tão grandes entre autores que somente podem ser explicadas por um enorme preconceito às hipóteses espiritualistas, empanadas pela articulação de argumentos subjetivos. Mas as polêmicas fazem parte da história do conhecimento humano e sempre existirão.

Ressalta-se que, independente da perspectiva espírita do autor, há uma premissa importante que é subjacente a todo o texto. Há plena ciência do problema que se apresenta quando se tenta extrair o pensamento de Sócrates a partir de uma mente brilhante e também filosófica como Platão. Muitos autores até acreditam que Platão criou ou idealizou seu mestre. Mas aqui não se compartilha dessa ideia. De fato, a maior parte do pensamento de Sócrates nos foi legada por Platão. Os textos deste, com toda certeza, foram influenciados pela maneira com que Platão entendeu os ensinamentos do seu mestre e pela sua própria visão do mundo e das coisas. Outros discípulos, como Xenofonte e Antístenes, enfatizaram ângulos diferentes do ensino socrático. Sabe-se que é impossível escrever livros e mais livros sobre as lições que se recebeu de alguém sem distorcer os conteúdos de alguma forma e deixar de inserir fragmentos de sua própria visão das coisas. No entanto, é preciso estabelecer uma premissa de trabalho e aquela que foi escolhida consiste em atribuir a Sócrates aquilo que Platão afirma ser de seu mestre. Ele próprio estabeleceu assim, pela admiração que nutria por seu professor. E talvez tivesse mesmo que ser fiel a Sócrates, por força dos vários discípulos que ainda estavam vivos por ocasião de seus escritos e que verificariam a usurpação das ideias socráticas, se elas não lhe fossem devidamente atribuídas. Inclusive, é possível perceber com certa clareza algumas das ideias específicas de Platão. Por exemplo, em suas últimas obras, quando Sócrates está presente, faz apenas o papel de um ouvinte atento. A maior e derradeira obra de Platão, *As leis*, não foi imputada ao seu mestre. O pressuposto aqui adotado não é, portanto, de modo algum absurdo.

Resumo biográfico

Para que o leitor pouco íntimo do filósofo grego não se sinta completamente perdido diante da personagem, uma resenha biográfica é agora apresentada. Na verdade, a biografia de Sócrates quase se confunde com sua própria doutrina, não fossem alguns episódios de bravura e certos acontecimentos pessoais marcantes. Resulta assim muito difícil escrever sobre atos interessantes de sua vida sem esbarrar em suas ideias. Como seu pensamento será objeto de análise ao longo do texto e seguirá uma classificação completamente desvinculada de uma cronologia, aqui será exposto um pequeno resumo de sua vida, com alguns escassos dados históricos, para melhor situá-lo em sua época.

Nasceu Sócrates por volta de 470/469 antes da era comum, em Atenas. Seu pai teria sido um escultor, chamado Sofronisco, que teria esculpido um Hermes e as três graças que se viam à entrada da cidade. Já sua mãe seria uma parteira, de nome Fenarete. Sócrates tinha um meio irmão, Pátroclo, filho de sua mãe, o que induz supor que Sofronisco tenha morrido relativamente cedo ou desposara Fenarete na condição de viúva. De acordo com as tradições da época, Dédalo seria o antepassado ou patrono da família.

Ao que a História indica, Sócrates cresceu em meio a um período marcado por intenso brilho cultural, mas também cercado de numerosas inquietudes políticas, na cidade mais importante do mundo de então. Embora de família relativamente humilde, Sócrates estudou e se desenvolveu travando contato com os mais célebres pensadores da época. A educação na Grécia era uma atividade valorizada, mas onerosa, normalmente restrita às famílias dos cidadãos mais abastados; assim sendo, as razões para tal ascensão cultural e social de Sócrates não são muito precisas, pois praticamente não há informações confiáveis sobre sua infância e juventude. Algumas dessas fontes especulam que o próprio Sócrates, seguindo o ofício do pai, chegou a esculpir majestosas estátuas, colocadas na entrada do porto, em Atenas.

Uma tradição que não temos motivo nenhum para descartar diz que Sócrates trabalhou nos baixos

relevos do Partenon, o que é bem possível, pois na época tinha ele seus 25 anos. (DUHOT, *Sócrates e o Despertar da Consciência*, 2004, p.45)

Tarefas de tal envergadura, de certo modo, indicariam a conquista de certo *status* econômico no exercício desse ofício. Realmente, parece que o pai de Sócrates, mesmo na condição de escultor, gozava de excelentes relações. Naquela época, embora havendo estratificação social, membros de diversas classes se relacionavam com relativa naturalidade, e as constantes batalhas em que os atenienses se envolviam funcionavam como fator de aproximação pessoal. Para ratificar esse ponto de vista, numa obra platônica, o *Laques*, tem-se um aristocrata de nome Lisímaco reconhecendo o ainda jovem Sócrates como o filho de seu velho amigo Sofronisco, e faz-se alusão a íntima ligação de amizade entre eles. Por outro lado, Diógenes Laércio e outros admitem que um rico ateniense, de nome Lísias, teria conhecido Sócrates ainda menino e logo percebido os dotes extraordinários do futuro sábio. Assim, Lísias, como bom mecenas, teria financiado sua educação.

A hipótese mais consistente é a de que Sócrates estudou e se desenvolveu travando contato com os mais célebres pensadores da época, não obstante discordasse da maioria deles, mostrando desde cedo uma certa originalidade em suas ideias. Não há dúvida que foi discípulo de Arquelaus, um seguidor de Anaxágoras, mas não comungou o mesmo interesse especulativo dos filósofos físicos por muito tempo. Assim, embora não haja informações precisas, Sócrates ainda jovem alcançou elevada reputação em meio aos jovens e homens maduros de toda a Grécia, independentemente do nível social, e passou a ser intensamente solicitado como educador — de fato, uma espécie de conselheiro —, tarefa muito prestigiada naquela época. É possível que o famoso episódio narrado por Platão, no qual Querofonte visitara o oráculo de Delfos e recebera a informação de que seria Sócrates o mais sábio dos homens de então, tenha-lhe ampliado ainda mais a notoriedade.

Como se sabe, diferenciou-se dos professores tradicionais pelo modo de ensinar, particularmente o modo interrogativo de

conduzir o diálogo com seu interlocutor, entre outras técnicas. Além disso, nada cobrava por seus ensinamentos e saía conversando pelos quatro cantos da cidade, durante todo o tempo que dispusesse e encontrasse com quem dialogar.

Com o passar dos anos, existiria outro fator, ao lado da sua indiscutível genialidade, que não se poderia esquecer, pois auxilia a justificar a enorme fama e respeitabilidade que o filósofo alcançaria em vida e que lhe permitiria ostentar prestígio junto a todas as classes de habitantes de Atenas, não obstante ele se contraponha aos interesses e às formas tradicionais de culto e ensinamento: seu heroico destemor como soldado. Apologista do civismo, Sócrates difundia em suas preleções a obediência às leis e aos deveres como ponto fundamental para a manutenção da ordem na sociedade. Em defesa de sua cidade, todos deveriam ofertar a própria vida se necessário, não deixando de se alistarem nas campanhas militares que demandavam soldados para cercar fileiras contra os inimigos de Atenas. Embora discordasse da política que resultava nessas campanhas militares, Sócrates não subverteu a população contra o governo nessas ocasiões; ao contrário, ofereceu-se para lutar pelo menos em três oportunidades, dando o seu exemplo como referência. Apesar de relativamente maduro, com cerca de quarenta anos, combateu na condição de simples soldado, atuando com destemor, salvando colegas e comandantes. Atenas levou a pior nas duas últimas dessas batalhas e teve Sócrates que lutar em condições bastante desfavoráveis e perigosas. Nessas, além da bravura, teve o mérito de apontar a necessidade de retiradas estratégicas que evitaram a derrocada ainda mais numerosa de seus correligionários.

O fato é que, após essas disputas, a respeitabilidade de Sócrates ficaria no auge, e seus opositores levariam muitos e muitos anos para poder fazer o filósofo se calar. Durante todo esse período após as guerras, Atenas não deixaria de ser uma cidade intranquila, mas o sábio disporia de todo o seu tempo para introduzir suas ideias revolucionárias sem subversão política, de acordo com seu método ímpar de ensinar e filosofar e, assim, cumprir o seu desiderato. É por essa razão que o já citado general Laques diria, com admirável convicção, o seguinte a respeito de Sócrates: